

DE LETRAS E SONS: O GRITO DO SERTÃO ATRAVÉS DA VOZ E POESIA DE JOÃO DO VALE

Maria Maryana de Castro Silva (UEMASUL)

mariasilva.201716448@uemasul.edu.br

Rute Maria Chaves Pires (UEMASUL)

rutepires@uemasul.edu.br

RESUMO

A música e poesia são autênticas formas de expressão popular. João do Vale é cantor e compositor maranhense conhecido por ser o poeta do povo e fazer de suas letras uma autêntica forma de denúncia, resistência e defesa contra as injustiças sociais, é envolto por uma realidade inquietante, de injustiça e opressão. Fez de sua música protesto, dando voz ao sertão através de suas canções. Este artigo possui como estudo de *corpus* a poesia sonora de “Carcará” no intuito de proporcionar uma leitura, análise e reflexão sócio-histórica do sertanejo e seus aspectos de resistência. Para tanto a metodologia adotada foi a pesquisa bibliográfica e descritiva a fim de analisar a canção os teóricos que norteiam a pesquisa, como Joaquim Aguiar em seu livro “Poesia da canção” (1993) e Eduardo Duarte (2008) em seu artigo “Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica”. João do Vale, com sua voz, viabiliza as lutas e o grito de tantos outros sertanejos que vivem histórias como a dele e faz de sua expressão popular o grito do sertão.

Palavras-chave:

Análise. Música. Literatura afro-brasileira.

ABSTRACT

Music and poetry are authentic forms of popular expression. João do Vale is a singer and composer from Maranhão known for being the poet of the people and making his lyrics an authentic form of denunciation, resistance and defense against social injustices, is surrounded by a disturbing reality of injustice and oppression. He made his music protest, giving voice to the backcountry through his songs. This article has as a corpus study the sound poetry of “Carcará” in order to provide a reading, analysis and socio-historical reflection of the country person and its resistance aspects. For this purpose, the methodology adopted was bibliographic and descriptive research in order to analyze the song, the theorists who guide the research, such as Joaquim Aguiar in his book “Poesia da música” (1993) and Eduardo Duarte (2008) in his article “Literatura e afrodescendência in Brazil: critical anthology”. João do Vale, with his voice, makes possible the struggles and the cry of so many other country people who live stories like his and makes his expression popular the cry of the backcountry.

Keywords:

Afro-Brazilian literature. Music. Analyze.

1. Introdução

Enquanto ainda se discute se há uma literatura afro-brasileira, escritores negros rejeitam o modelo literário europeu imposto e vivem sua própria identidade, apossando-se de suas características e retirando rótulos colocados em personagens negros da literatura. Apesar da discussão parecer contemporânea, escritores negros vêm assumindo o discurso literário a muito tempo, apropriando-se de sua identidade e distanciando-se da imagem distorcida e preconceituosa construída pela sociedade e literatura canônica, na qual o negro representa sempre o empregado, o malandro, além da hipersexualização da mulher negra.

A poesia e as canções são um lugar privilegiado para a manifestação da subjetividade e/ou realidade, assim tornam-se um instrumento para que o negro se faça personagem principal da história escrita por ele mesmo, construindo na América a sua própria identidade. No Brasil, essa era de apropriação da própria identidade é reforçada por acontecimentos históricos onde o povo precisa ser resistente para não ser esmagado pela repressão.

A voz e letras abordadas neste artigo é de João Batista do Vale, sertanejo, nascido em Pedreiras-MA que dedicou a vida ao baião, anunciava a vida no sertão e denunciava suas mazelas, o compositor faz seu grito ecoar alto quando aliado a outras personalidades históricas da música brasileira protesta contra o governo da década de 60.

Considerando esse contexto, este artigo busca refletir sobre o discurso de resistência na vida de João do Vale e no baião “Carcará” pertencente a discografia de 1965 “Opinião ao vivo”. Ao longo de sua carreira, João criou composições que expressam as principais dificuldades vividas pela população sertaneja, representadas pela realidade da região em que ele passou a maior parte de sua vida, o que de certa maneira faz com que o baião ressignifique a cultura nacional. Para isso, recorreu a letras que expressam a realidade social de modo mais leve, divertido e dançante, abrindo espaço para temas como relacionamentos afetivos e diversão o que indica que a vida do povo sertanejo, apesar do contato com a fome, carência e outras dificuldades, não é apenas marcada por estes elementos. Ele procura falar do sertão com temas sociais relevantes e destacando a força e necessidades do cotidiano do sertanejo.

2. João do Vale, história, letras e sons

“Reza a tradição que a música e a poesia nasceram juntas” (AGUIAR, 1993, p. 10). Não há como pensar em poesia e não pensar em músi-

ca ou pensar em música e não pensar em poesia. Letras e sons estão interligados. A música popular brasileira é o reflexo de como estes dois elementos são complementares.

Em 1934 nasce, João Batista do Vale, em Pedreiras, Maranhão. João foi o quinto filho de um casal de agricultores, aos 13 anos de idade foi morar em São Luiz, cidade em que seus dons começaram a aparecer. Cultivava o sonho de ir para o Rio de Janeiro. Não houve nada fácil em sua trajetória, mas com muito esforço realizou o sonho de chegar à cidade maravilhosa.

No Rio de Janeiro teve sua primeira canção gravada por Zé Gonzaga, a canção “Madalena”. Vindo do sertão e acostumado aos problemas de sua terra, a voz do sertão maranhense transforma seu talento genuíno em grito de resistência. Muitas de suas criações contam sua história, em especial, a música que leva o título “Minha história”, o início da música anuncia: “seu moço, quer saber, eu vou cantar num baião. Minha história pra o senhor, seu moço, preste atenção”.

Ao cantar sua história o poeta manifesta uma inquietação: “Mas o negócio não é bem eu, é Mané, Pedro e Romão, Que também foram meus colegas, e continuam no sertão Não puderam estudar, e nem sabem fazer baião.” O trecho destacado deixa em evidência a dificuldade e falta de oportunidade que o sertão oferece, explicando a forte migração que ocorria do Nordeste para o Sudeste em busca de melhorias de vida.

Nesta percepção “a canção deixou de ser apenas expressão cultural de uma comunidade para atingir públicos cada vez maiores” (AGUIAR, 1993, p. 11) expandindo cultura e sendo genuinamente original, João pôde transmitir a voz do sertão para todo o Brasil e lutou contra a Ditadura junto a outras personalidades da música brasileira.

Toda a obra de João do Vale é associada ao meio social que ele vive e está inserido, Duarte, 2008, p. 07 diz que “[...] fundadona *diferença* que questiona e abala a trajetória progressiva e linear de nossa história literária.”, mostrando a nova face da literatura na qual os que não têm voz por sua vez, passam a ser instrumento de protagonismo na história, seja em letras ou sons.

3. Carcará: a resistência do sertão

Carcará

Lá no sertão

É um bicho que avoa que nem avião

É um pássaro malvado

Tem o bico volteado que nem gavião

Carcará

Quando vê roça queimada
Sai voando, cantando,
Carcará
Vai fazer sua caçada
Carcará come inté cobra queimada
Quando chega o tempo da invernada
O sertão não tem mais roça queimada
Carcará mesmo assim num passa fome
Os burrego que nasce na baixada
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que home
Carcará
Pega, mata e come
Carcará é malvado, é valentão
É a águia de lá do meu sertão
Os burrego novinho num pode andá
Ele puxa o umbigo intématá
Carcará
Pega, mata e come
Carcará
Num vai morrer de fome
Carcará
Mais coragem do que home
Carcara

Em 1964, iniciava a Ditadura Militar no Brasil, com o Ato Institucional nº 5¹, que reforçou a censura e ações arbitrárias como a tortura. Os artistas em forma de protesto a ditadura instalada organizaram-se de modo sigiloso. As músicas ganharam novas interpretações e construções denominadas “músicas de protesto”, essas denunciavam o sistema ditatorial, as injustiças e abusos de poder.

A música “Carcará” foi escrita em 1964 como forma de protesto, por João do Vale e José Cândido, a canção fazia parte do show “Opinião”, sua letra exalta a coragem e a determinação para vencer a fome e a rudeza do sertão. A música inclui a declamação de um texto² extraído de um

¹Foi um decreto emitido pela Ditadura Militar durante o governo de Artur da Costa e Silva no dia 13 de dezembro de 1968. O AI-5 é entendido como o marco que inaugurou o período mais sombrio da ditadura e que concluiu uma transição que instaurou de fato um período ditatorial no Brasil. (SILVA, 2020, p. 01)

² “Perguntei a natureza e ela não me respondeu não, se não é seca é enchente fazendo daquela gente bravo, forte, robusto, tem que estender a mão. Em 1950 10% da população do Piauí vivia fora de sua terra natal, 13% do Ceará, 15% da Bahia, 17% de Alagoas. O

relatório da Sudene, sobre a migração dos nordestinos expulsos pela seca e fome de suas terras. “Carcará” é a mais conhecida composição da obra e imagem do maranhense João do Vale, observador profundo da paisagem e da vida nordestina.

O carcará é um gavião grande, sabe superar as dificuldades e os problemas de sobrevivência, pois ao sentir fome “pega mata e come”, quando em perigo “voa que nem avião”, é valente e decidido “mais coragem do que home”. O carcará simboliza o ideal libertário da canção, dialogando com o período histórico onde o Brasil era comandado por uma ditadura e os nordestinos estavam cada vez mais migrando para o sudeste em busca da sobrevivência, carcará simboliza a resistência do povo. A pretensão de calar de vez as vozes contrárias aos arbítrios do regime, faz com que o carcará possa assumir também o significado do opressor, aquele que é violento.

Com sua dualidade de sentidos e construção crítica, a música “Carcará”, invade os ouvidos em ritmo de xote e se faz presente na vida e cotidiano de muitos brasileiros, por vezes, sua mensagem pode passar despercebida entre um passo e outro.

Na construção identitária da canção, João do Vale, utiliza de recursos linguísticos como comparação “É um bicho que avoa *que nem* avião”, a anáfora “carcará” que é repetido várias vezes na canção, bem como o polissíndeto “*É um* bicho que nem avião. *É um* pássaro malvado”, esses recursos valorizam e enfatizam a construção da canção.

Pensar a construção artística de um músico e compositor pairando sobre a perspectiva educacional não é suficiente, entende-se o saber empírico como a voz que soa entre letras e sons. Ferreira Gullar na obra *Nova História da Música Popular Brasileira*, reitera:

Devo dizer que considero João do Vale uma das figuras mais importantes da música popular brasileira. Se é certo que em 1964-5, quando se realizou pela primeira vez o show Opinião, os grandes centros do país tomaram conhecimento de sua existência e lhe reconheceram os méritos de compositor, não é menos certo que pouca gente se deu conta do que ele realmente significa como expressão de nossa cultura popular. Isso se deve ao fato de que João do Vale não é um compositor de origem urbana e que só agora se começa a vencer o preconceito que tem cercado as manifestações populares sertanejas. [...] Autenticidade é uma palavra besta, mas é na autenti-

problema: fome. Enquanto isso um colar de 40 pedras marinhas brasileiras era dado a Rainha Elizabete.” (PEÇA OPINIÃO, 1965).

cidade que reside a força desse João maranhense, vindo de Pedreiras para dar voz nacional ao sertão. Mas não só nisso, e não apenas no seu talento, como também em sua cultura. Há gente que pensa que culto é apenas quem leu muitos livros. No entanto, se tivesse tido, como eu, a oportunidade de ouvir João cantar as suas músicas sertanejas que ele sabe, veria que ele é a expressão viva de uma cultura. De uma cultura que não está nos livros, mas na memória e no coração dos artistas do povo. (GULLAR, 1997, p. 1)

A música sertaneja cantada e escrita por João do Vale é a própria “expressão de cultura”. Cantar a realidade e a vivência, transformando composições em histórias que podem ser encaixadas em diversas realidades, como a música “Carcará”, que possui diversas interpretações. O saber empírico valorizado e propagado no sertão através da contação de histórias é reconhecido como fonte de arte, assim a singularidade, mensagem, simplicidade e receptividade das canções de João do Vale as fazem a voz do povo.

A relação estabelecida entre o João, sua música e seu público é a essência de suas obras, o orgulho de ser nordestino e a vontade de falar com/e para o seu povo, valorizando as suas raízes e apontando a história que vai de encontro a outras vidas e realidades, a exemplo o “Carcará”.

Confrontar a imagem do “Carcará” que é “a águia lá do meu sertão” com diversos contextos sociais que a década de 60 passa, como: seca, migração, ditadura é torná-la o rosto dos que sofrem. Contudo, esses protestos não podem ser de modo claro, devido a censura, por isso a canção faz uso de metáforas para denunciar.

“Carcará” é a própria crônica do dia a dia sertanejo, levantar cedo, ir trabalhar na roça, deparar-se com a dificuldade, aproveitar tudo para o alimento, a rudeza, a dificuldade, a falta de trabalho e sobretudo a coragem e esperteza para vencer as limitações do sertão e sobreviver, são as semelhanças que podem ser encontradas na rotina e instinto de sobrevivência tanto no cotidiano do “Carcará” como no do sertanejo.

Fugir da norma culta padrão da língua portuguesa e usar de forma coloquial expressões genuinamente nordestinas, explorando a variação linguística como nas sentenças “avoa”, “inté”, “num”, “burrego”, “mata”, “andá” aproxima o ouvinte da realidade sertaneja, considerando que a linguagem é a maior característica de um povo.

No sertão a maior fonte de renda é o plantio, as famílias cultivam em roças seus alimentos e fazem dele sua fonte de renda. Queimar a roça faz parte da preparação da terra para o cultivo. O “Carcará” alimenta-se de bichos encontrados nesse terreno seco, que fica inviável no inver-

no. Assim novamente a canção deixa em evidência a adaptação do “Carcará” à realidade, mesmo que ela seja dura para ambos em períodos distintos. Essa imagem é construída nos trechos “Quando chega o tempo da invernada/ O sertão não tem mais roça queimada/ Carcará mesmo assim não passa fome/ Os burregos que nascem na baixada/ Carcará pega, mata e come”.

“Pássaro malvado” é usado como sinônimo fazendo referência ao carcará, mas seria mesmo ele o “malvado”? Bem como o sertanejo, o pássaro do sertão busca adaptar-se a sua realidade visando a sobrevivência. Por vezes, o homem sertanejo é visto como rude, analfabeto, uma máquina para o trabalho braçal, áspero, porém como o carcará é obrigado a adaptar-se para buscar a sobrevivência.

Contar e cantar o cotidiano do sertanejo com metáforas, protestando em forma de baião é a mais autêntica forma de fazer da arte a voz do povo. João do Vale levou o sertão para o Brasil através de suas canções, o nordestino no xote, dança e vive sua história.

4. Considerações finais

Dar voz aos que não têm o direito à fala foi a principal missão de João do Vale, o baião fez-se presente nele. A seca, a ditadura, o cotidiano, são eixos temáticos constantes em sua obra. Os seus personagens são personalidades emblemáticas do sertão e sua linguagem aproxima o ouvinte da sua mensagem.

Anunciar e denunciar não é tarefa fácil, mas João do Vale o faz com maestria em “Carcará” e diversos outros baiões, ele usa de letras que dão vasta interpretação e levam seu ouvinte a refletir de modo simples suas crônicas musicais, assim entende-se que sua função social consistiu em dar voz e caracterizar sua terra através de sons e letras que fizeram ecoar o grito do sertanejo.

O carcará retratada a cultura de um povo simples, pobre e esperto que quando confrontados pela dureza da vida seu saber empírico revela um pensamento filosófico popular com linguagem coloquial e oralidade populares. É a partir da linguagem e escrevivência que João do Vale representa o sertão maranhense em um conjunto musical (sons e letras).

A expressão artística de João do Vale o levou a combater a discriminação social e cultural em coisas comuns do cotidiano brasileiro. Embora suas canções sejam de forte cunho político, contêm em seu significado, como não poderia deixar de ser, muito da realidade nordestina vivida pelo próprio compositor. A sua história tem ascensão junto a história da Música Popular Brasileira.

Portanto, “Carcará” sendo interpretado como a força e resistência nordestina ou como o opressor que tem o rosto da ditadura militar é a música mais conhecida e importante da discografia de João do Vale. Faz parte da construção da Música Popular Brasileira e do histórico artístico do talento genuinamente maranhense, sertanejo, pobre e negro do cancionista que deixou o seu “perfume boiando no ar”³ através da sua arte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, J. *A poesia da canção*. São Paulo: Scipione, 1993.

DUARTE, E. A. e FONSECA, M. N. S. (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil*: antologia crítica. Belo Horizonte: UFMG, 2011. (V. 4, História, teoria, polêmica)

GULLAR, Ferreira. *Vanguarda e subdesenvolvimento*: ensaios sobre arte. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969.

_____. *História da música popular brasileira*: João do Vale. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (1 LP. Série Grandes Compositores).

_____. *João Batista do Vale*. Rio de Janeiro: RCA-BMG-Ariola, 1994. (1 LP)

_____. *João do Vale*. Rio de Janeiro: Philips, 1967. (1 compacto duplo)

³ Trecho da música “A voz do Povo”, 1965 de João do Vale.